



FAUNA

ANTA, *com muito orgulho*

por LIANA JOHN

Criadores, educadores e pesquisadores lutam contra a injusta fama de 'estúpida' para devolver à dócil e simpática anta brasileira o lugar que ela merece entre nossos grandes mamíferos terrestres, como elo fundamental na cadeia alimentar e coadjuvante na renovação das matas







TERRA DA GENTE

O costume brasileiro de chamar pessoas atrapalhadas de 'anta' atrapalha mesmo é a conservação do animal. Quantos se importam com a extinção de uma espécie que é sinônimo de estupidez? E quem doa recursos para pesquisas com um ser considerado imprestável? Não se sabe bem ao certo de onde vem todo esse preconceito contra as antas. Mas dá um trabalhão consertar o estrago causado pela in-

*A anta é dócil
e inteligente,
estúpido é o
preconceito*

justa difamação. Que o diga a brasileira Patrícia Médici, pesquisadora do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e presidente, desde 2000, do *Tapir Specialist Group*, um grupo internacional de especialistas nas

quatro espécies de anta existentes no mundo, ligado à respeitada União para a Conservação Mundial (IUCN).

"Só no Brasil se associa a anta com estupidez. Nos outros países não é assim, eles até estranham quando contamos como as antas são consideradas aqui", comenta Patrícia. "O animal não tem nada de estúpido, é dócil e inteligente e, em cativeiro, é facilmente treinado, inclusive nos procedimentos



PROTEÇÃO — As listras claras (acima) ajudam a camuflagem do filhote (ao alto, na “hora do rancho”). A boca branca é uma das características da espécie andina (ao lado)

para coleta de sangue”.

No Pontal do Paranapanema, no extremo Oeste do Estado de São Paulo, onde fica uma das bases de pesquisas do IPÊ, o esforço conjunto dos pesquisadores e educadores ambientais começa a reverter a má imagem das antas, sobretudo

junto às crianças, que já a incluem em seus desenhos. Mas ainda é uma área muito restrita, se comparada à imensa região de ocorrência da espécie, cientificamente conhecida como *Tapirus terrestris* (todo o Brasil e a maioria dos países sul-americanos). “É um conceito muito difícil de mudar, nem uma mega

campanha publicitária cobriria toda a área de distribuição da anta”, acrescenta a especialista, que só agora, após 10 anos no Pontal, comemora a abertura de uma segunda frente de pesquisas, no Pantanal.

E olhe que a anta é o maior mamífero terrestre nativo da América

Cardápio variado e divertido

Estudos da dieta das antas indicam o consumo de uma grande quantidade de frutos, além de fibras (capim e, sobretudo, brotos de folhas). Num levantamento realizado no Pontal do Paranapanema, Cristina Tofoli, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), identificou seus petiscos preferidos: coquinhos de jervivá (*Syagrus romanzoffiana*), vagens de jatobá (*Hymenaea courbaril*), frutos – mesmo espinhosos – de caraguatás (gêneros *Ananas* e *Bromelia*) e frutos em forma de coração do araticum-cagão (*Annona cacans*). Entre os brotos, uma das espécies consumidas com frequência

é a erva-mate (*Ilex paraguaiensis*).

Em cativeiro, as antas precisam dessa variedade, mesmo que isso implique incluir itens novos ao cardápio silvestre, como hortaliças. Sobretudo se a intenção é assegurar a reprodução, pois antas mal nutridas não criam. É a forma de oferecer o alimento também deve ser diversificada, pois os animais precisam de estímulo para 'abrir o apetite'. Brincar com uma melancia inteira até conseguir quebrar a casca e saborear a polpa suculenta, por exemplo, é um passatempo apreciado por mães e filhotes. Lamber troncos com mel ou procurar pedaços de cenouras, cana-

de-açúcar, maçãs e até mesmo pequenas passas penduradas e galhos ou escondidas no capim são outras alternativas recomendadas a criadores pelo Tapir Specialist Group.

A intenção não é apenas quebrar a monotonia, mas também suprir as necessidades de um animal que tem volume estomacal limitado e, em vida livre, adaptou-se à disponibilidade de alimento do ambiente. Ou seja: come diversas vezes por dia, em pequenas quantidades, os frutos de muitas espécies de plantas diferentes, incluindo coquinhos e juvas.



do Sul. Alcança um metro de altura, dois de comprimento e até 250 kg. Possui hábitos preferencialmente noturnos e é flexível quanto ao habitat, adaptando-se tanto a florestas densas, como matas se-

cundárias ou mesmo cerrados e áreas de vegetação mais aberta, contanto que consiga estar sempre perto de rios, lagos, ou lagoas. Além de nadar e mergulhar com maestria, a anta faz da água seu re-

fúgio, seja contra o excesso de calor (termorregulação) ou em caso de perigo.

Seus predadores naturais são as onças, pintada e parda. Mas a maior pressão vem mesmo do



JOÃO MARI



Tapirus terrestris

DIFERENÇAS

A anta centro-americana (acima) não tem crina e tem pelagem mais escura do que a sul-americana (ao lado e na página anterior, em seu hábitat)

homem, com a caça para consumo da carne e uso do couro, e os desmatamentos e a fragmentação das matas, provocando perda de hábitat. No Brasil, a pressão de caça se restringe a áreas mais isoladas, sobretudo na Amazônia, pois a atividade é ilegal e é difícil carregar uma anta abatida sem 'dar na vista'. No Pantanal, a preferência generalizada pela caça do chamado porco monteiro – porcos domésticos castrados e liberados para 'engorda' em capões de mata – livra a anta da mira dos caçadores. Mas em alguns países vizinhos, como Peru e Guiana Francesa, a carne de anta é vendida aberta-

LORENZINI

Um gênero, quatro espécies

Existem apenas quatro espécies de anta no mundo e todas pertencem ao gênero *Tapirus*. Todas têm o focinho alongado como uma pequena tromba e costumam gerar apenas um filhote por gestação, que nasce listrado, para melhor se camuflar em meio à vegetação. O filhote acompanha a mãe o tempo todo durante 18 meses a 2 anos. Todas vivem em torno de 30 anos.

A espécie de distribuição mais ampla é a anta brasileira ou anta sul-americana (*Tapirus terrestris*), que habita florestas densas ou abertas, primárias ou alteradas e mesmo cerradões e cerrados, onde quer que exista um curso d'água, uma lagoa ou mesmo grandes poças para se refrescar e se esconder. É considerada vulnerável ao risco de extinção. Seu

corpo é acinzentado, com uma crina curta e as pontas das orelhas brancas. Mede até 2 metros de comprimento e chega a pesar 250 kg.



derada ameaçada de extinção.

Bem menor e mais peluda, a anta andina ou anta-da-montanha (*Tapirus pinchaque*) é também a mais escura das quatro, com pelagem marrom e a face amarelada. Tem apenas as pontas das orelhas brancas e uma mancha branca em volta da boca, parecendo pintada. Habita as terras altas e mais frias dos Andes e é considerada ameaçada. Mede até 1,8 metro e pesa, no máximo, 150 kg.



mente nos mercados, portanto a caça comercial sujeita aquelas populações a extinções locais.

Diferente das capivaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*), com as quais costuma ser confundida, a anta tem uma gestação longa, de 300 a 400 dias, e produz um único filhote. Os gêmeos são muito, muito raros. O filhote, quando nasce, apresenta listras claras no meio do pelo castanho, o que serve de camuflagem em meio à sombra-e-luz das matas. Ele anda ao lado da mãe o tempo todo, durante cerca de um ano. A mesma fêmea pode dar à luz em intervalos de 18 meses. Mesmo assim não é uma

A anta precisa de espaço e tolera até vegetação degradada

taxa de natalidade capaz de fazer frente às perdas, e, apesar de sua imensa distribuição original, a espécie está na lista vermelha da IUCN como vulnerável ao risco de extinção.

Após 10 anos coletando amostras de sangue para análises genéticas e epidemiológicas e monitoran-

do os deslocamentos de antas no Parque Estadual Morro do Diabo, localizado no Pontal, Patrícia Médici consegue ter uma noção da estrutura da população e dos impactos da fragmentação de habitat. E espera usar esse conhecimento na elaboração de um plano de conservação, com recomendações de pesquisas para preencher lacunas de conhecimento, criação de mais áreas protegidas, estabelecimento de um programa de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e outras medidas. O plano de ação será o centro das discussões de um workshop sobre a anta brasileira, previsto para abril de



Já a anta malaia ou **anta asiática** (*Tapirus indicus*) é a maior de todas — até 2,5 metros de comprimento e 500 kg — e possui um padrão de pelagem totalmente diferente, branco e preto, semelhante ao dos pandas gigantes. Nas florestas em que vive, essa pelagem se confunde com as manchas de luz e sombra e ajuda o grande mamífero a disfarçar o contorno de seu corpo. É considerada vulnerável ao risco de extinção.



**TRÊS
VIZINHAS
E UMA
FORASTEIRA**

A região de ocorrência da anta brasileira é a mais extensa e abrange Venezuela, Colômbia, Brasil, Paraguai, norte da Argentina e leste dos Andes. Sobrepõe-se parcialmente, ao Norte, à área da anta centro-americana, que ocupa desde o Sul do México até o Norte da Colômbia. E também é vizinha, a Oeste, à área ocupada pela anta andina, que habita terras mais altas, nos Andes, entre Peru, Colômbia e Equador. Já a anta malaia, apesar de ser do mesmo gênero das outras três — *Tapirus* — vive, literalmente, do outro lado do mundo, no Sudeste da Ásia, entre o Sul de Burma, Tailândia, península da Malásia e ilha de Sumatra

DISTRIBUIÇÃO: ■ Anta sul-americana ■ Anta-da-montanha ■ Anta-centro-americana ■ Anta-asiática

2007, em Sorocaba, no Interior paulista.

"As antas estão presentes em todos os ecossistemas brasileiros com exceção da caatinga nordestina e toleram até vegetação degradada, desde que consigam se locomover pela paisagem", explica. "Porém são muito sensíveis a pequenas áreas e restringem a circulação quando há mais estradas, mais cercas, mais barulho e mais gente".

Em outras palavras, a pesquisadora acredita que as antas podem se manter mesmo em áreas fragmentadas ou de vegetação secundária se houver espaço para livre

Plano é trocar o cativeiro por reservas privadas em dois anos

circulação, como corredores ecológicos, ou matas ciliares recompostas, ou mesmo reflorestamentos com nativas. "Elas circulam pela paisagem em busca de alimento, à noite, e é importante não cortar a movimentação delas", acrescenta Patrícia. Até agora o monitoramento foi feito com telemetria, ou seja,

colocando rádios-colares nas antas e as seguindo com o auxílio de antenas. Mas um novo método, em fase de testes, promete facilitar a vida dos pesquisadores, baratear custos e aumentar a quantidade de dados coletados: o rastreamento de pegadas. O rastreamento vai muito além daquele feito por caçadores, apenas para achar o bicho: permite identificar cada indivíduo e, a partir daí, fazer estatísticas de população, estimativas de taxa reprodutiva, alimentação, uso de área, etc.

Uma das expectativas, ao colocar o plano de conservação em prática, dentro de uns dois anos, é experimentar a reintrodução de

No rastro da renovação

Ao consumir uma grande variedade de frutos, a anta assume um papel importante para os ecossistemas por onde circula: ela é dispersora de sementes. Conforme explicam Paulo R. Guimarães Jr e Maurício Galetti, do Grupo de Fenologia e Dispersão de Sementes da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Rio Claro), a dispersão de sementes é a fase mais crítica de uma planta, pois é preciso levar as plantas-filhas para longe da planta-mãe, evitando a competição entre elas por luz, nutrientes e água. Como não podem andar, entre outras estratégias as plantas desenvolveram frutos de formas, cores e composição química atraentes para animais. Assim os estimulam a fazer o "favor" de comer os frutos e carregar as sementes para elas, espalhando-as por onde quer que andem (em geral, devidamente adubadas).

Segundo os dois pesquisadores, os frutos dispersados por mamíferos, por exemplo, costumam ser grandes, amarelos, marrons ou vermelhos, e aromáticos. Ocorre que alguns deles são grandes demais

para a maioria dos mamíferos brasileiros atuais. Acredita-se que eram frutos dispersos, no passado, pela chamada mega-fauna — preguiças terrestres, gonfotérios (parecidos com elefantes), gliptodontes (semelhantes a tatus) e toxodontes (próximos dos hipopótamos) —, que tinha representantes de até 4 toneladas.

Mas hoje existem apenas 13 dos 60 gêneros de mamíferos com mais de 44 kg que viviam na América do Sul há 10 mil anos, lembra Galetti. E só sobraram o cervo-do-pantanal (*Blastocerus odontocetus*) e a anta com mais de 100 kg. Como o cervo alimenta-se preferencialmente de capim, sobra para a anta a tarefa de dispersar uma boa variedade de frutos, cujas sementes são grandes demais para passarem intactas através do trato digestivo de outros mamíferos. Primatas e roedores podem até apreciar tais frutas, mas sua maneira de comer é diferente, quebrando ou roendo as sementes, o que impede que elas germinem.

Uma mata sem antas, portanto, não

se renovaria naturalmente, já que as árvores cujos frutos são grandes perderiam seu último dispersor ainda vivo. Mas em quanto tempo o impacto da ausência das antas se faz sentir? E quantas e quais plantas de fato não teriam nenhuma outra alternativa de dispersão? Na tentativa de responder a estas e a outras perguntas, em julho de 2004 a pesquisadora Patrícia Médici, do IPÊ, demarcou 50 trechos de mata no Parque Estadual Morro do Diabo, no Pantanal do Paranapanema. Vinte e cinco foram cercados, de modo a não permitir a passagem de antas ou porcos selvagens. Com o monitoramento constante de vegetação, tanto nos lotes cercados como nos abertos, a expectativa é "avaliar o que a extinção da anta significa para a biodiversidade do sub-bosque e para a estrutura da floresta", diz Patrícia. Com uma ressalva: "como a floresta é seca, de interior, os efeitos devem demorar a aparecer, portanto desenhamos esse experimento para 5 anos, mas com a intenção de estendê-lo para 10 anos, pelo menos".

antas de cativeiro em áreas de vegetação restaurada ou reservas dentro de propriedades privadas (as RPPNs). "Tem uma grande população de antas cativas no Brasil, em zóos e em criadouros conservacionistas. Hoje o grande papel desses animais de cativeiro é educativo, mas eu gostaria de começar a trabalhar com reintrodução", sonha a pesquisadora.

Ela tem até duas sérias candidatas: uma anta do zôo de Sorocaba e outra de um criadouro conservacionista, localizado em Corumbalva, em Goiás, de propriedade de Juscelino Martins. Mas, antes, há uma porção de detalhes a acertar, num protocolo feito com o rigor científico que a situação exige, pois trata-se de um animal de grande porte e a soltura



LIMA/ORBIS



RESISTÊNCIA — *A anta se adapta à vegetação nativa, como a do Cerrado (acima), mas precisa de água, mesmo que de tanque artificial (à esq.)*

tem muitas implicações, tanto para o animal a ser introduzido, como para os animais silvestres da área e para o ambiente.

Enquanto aguarda a chance de contribuir para um experimento desse porte, Martins investe recursos e tempo no criadouro. Em uma fazenda de 5 mil hectares, ele possui queixadas, pacas, emas, veados. Mas as antas são, visivelmente, as preferidas: “elas são dóceis, todas têm nomes próprios e atendem quando chama-

das. É um animal muito especial”, diz, sem esconder o entusiasmo com o nascimento de 3 filhotes, só no primeiro semestre desse ano, totalizando 7, nos últimos 4 anos.

São 14 antas adultas. Cada uma consome de 7 a 8 kg de frutas por dia, sem contar a ração, preparada ali mesmo, na fazenda. Os recintos são grandes, dotados de tanques com água, e o cuidado constante pede um tratador exclusivo. Cláudio Machado Filho cuidava de bois em Abadia dos Dourados, em Minas Gerais, mas logo acostumou com o novo tipo de ‘gado’, que vem quando ele assobia e anda atrás dele, farejando comida. “Não adianta ir na bruta com

elas. Tem que ter um relacionamento”, recomenda, transmitindo admiração e respeito. Dois sentimentos que, popularizados, seriam meio caminho andado na direção da conservação das antas no País.



PARA SABER MAIS

Grupo Especialista em Antas
www.tapirspecialistgroup.org

AGRADECIMENTOS A:

Juscelino Martins
Rodrigo Souza Heitor
Gilia Angell
Stephen Nash.